

Nikolai Gogol
**TARASS
BULBA**
o cossaco

Conto original de 1835
traduzido do russo por Maria Vassilieva
Novela de 1842 traduzida do russo por Larissa Shotropa
com revisão literária de Leonor Abecasis



Nota à Edição

Em 1835, Nikolai Gogol incluía numa colecção de contos a história Tarass Bulba. Esse conto em particular foi alvo de grandes críticas por parte das autoridades russas, que o consideraram «demasiado ucraniano». Nalguns casos houve exemplares que foram retirados de circulação.

Mais tarde, em 1842, Gogol reescreveu o seu conto, expandindo-o. A nova história ia ao encontro da evolução literária, política e social do seu autor e causava menos desconforto às autoridades russas.

Esta edição reúne as duas versões da história, começando pela última alterada em vida do autor, seguida da versão original.

As traduções foram feitas a partir dos originais em língua russa, mas por duas tradutoras diferentes, pelo que, havendo sensibilidades literárias diferentes, produzem-se pequenas diferenças nas poucas partes do texto que se mantiveram quase inalteradas de uma versão para outra.

Esta é a primeira tradução feita a partir do original russo para língua portuguesa do conto original e da novela posterior, que constituem uma das obras-primas do autor e que, para o leitor moderno, explicam uma parte da génese do recente conflito entre Ucrânia e Rússia.

OS EDITORES

TARASS BULBA
(1842)



I

— Vá lá, meu filho, dá uma volta! Mas que engraçado que estás! Que batina de padre é essa? Andam todos assim na vossa academia? — com essas palavras recebeu o velho Bulba os seus dois filhos que estudavam no seminário de Kiev e chegavam agora à casa paterna.

Os filhos tinham acabado de desmontar dos cavalos. Eram dois jovens robustos, que ainda olhavam de soslaio, à semelhança dos seminaristas recém-formados. Os rostos vigorosos e saudáveis estavam cobertos por aqueles pêlos suaves que ainda não conheceram o toque da navalha. Estavam muito confusos com a recepção do pai e ficaram parados, com os olhos em baixo.

— Esperem, esperem! Deixem-me ver-vos como deve ser — continuou ele, pedindo-lhes que se virassem — mas que *svitkas* compridas vestiram vocês (!)! Que *svitkas*! Nunca na vida vi coisa igual! E se algum de vocês precisasse de correr — queria eu ver se não abraçava o chão, enrolando-se nas abas.

— Não se ria, não se ria, pai! — disse finalmente o mais velho.

(!) Svitka é o nome da roupa dos malorrussos (N. A.).

[Malorrussos refere-se aos naturais do território da denominada «Pequena Rússia», território que, em traços gerais, correspondente ao hetmanato dos cossacos. (N. E.)]

— Vejam só que pomposo! E porque não havia de rir?

— Porque não. Mesmo sendo meu pai, se se vai rir, juro que lhe dou uns socos!

— Ah é, seu isso e mais aquilo que me saístes! Como dizes, bater no pai? — perguntou Tarass Bulba surpreendido, recuando uns passos.

— Sim, mesmo sendo meu pai. Quando sou ofendido, não perdoou ninguém.

— Como é que queres lutar comigo? A murro?

— Tanto faz.

— Então, seja a murro — disse Tarass Bulba, arregaçando as mangas. — Quero mesmo ver a força que tens nos punhos.

Ambos, pai e filho, em vez de se saudarem depois de uma longa ausência, começaram a dar um ao outro uns socos nos flancos, nos rins, no peito, ora recuando e olhando à volta, ora avançando novamente.

— Vejam só: o meu velho enlouqueceu! Está completamente doido! — dizia a mãe dos jovens, uma mulher pálida, magrinha e bondosa, que estava logo à entrada e que ainda não tivera tempo para abraçar os seus queridos filhos. — As crianças acabaram de chegar a casa, mais de um ano que não os vemos, e vejam o que ele inventou: baterem-se aos murros!

— Mas que bem que ele luta! — disse Bulba depois de parar. — Pois é, luta mesmo bem! — continuou, recuperando um pouco o fôlego. — Tornar-se-ia um bom cossaco! Então viva, meu filho! Anda cá beijar-me! — pai e filho beijaram-se. — É mesmo isso, meu filho! Bate em todos assim como bateste em mim agora, não perdoes ninguém! Olha, mas trazes uma *svitka* mesmo esquisita. Que corda é essa que tens pendurada? E tu, meu mimado, porque estás de braços caídos? — dirigiu-se ele ao mais novo. — Então, filho de cão, porque não lutas comigo?

— Era o que faltava! — disse a mãe, abraçando entretanto o filho mais novo. — Quando é que se viu algo assim, o filho a bater no próprio pai! Parece que não há mais nada a fazer: a criança andou tanto, está cansada (essa criança estava com

vinte e tal anos e mais de dois metros de altura). Em vez de comer e descansar, ele obriga-a a lutar!

— Ah, ah, como estou a ver, és mesmo mimado! — disse Bulba. — Não dês ouvidos à mãe, filho. Ela é mulher, não sabe nada. Qual é a vossa vida? A vossa vida é o campo vasto e um bom cavalo, é isso a vossa vida. Estão a ver esse sabre? É a vossa mãe! Tudo o que vos metem na cabeça é uma porcaria: a academia, aqueles livros todos, os abecedários e as filosofias — é tudo uma parvoíce. Quero lá saber disso! — Aqui, Bulba proferiu uma palavra que nem pode ser posta por escrito.

— Era melhor se vos mandasse já na próxima semana para Zaporójie (?). Lá é que a ciência é ciência! É lá a vossa escola. Só aí é que vos enchem de sabedoria.

— Vão ficar em casa apenas uma semana? — perguntou, com lágrimas nos olhos, a mãe, velha e magrinha. — Os pobrezinhos nem vão conseguir passear um bocado, nem vão conhecer a casa paterna, nem eu vou cansar-me de os admirar!

— Vá lá, velha, chega de lamentações. Um cossaco não nasceu para dar muita atenção às mulheres. Querias escondê-los debaixo das tuas saias e sentavas-te em cima deles como por cima de uns ovos. Vai mas é pôr na mesa tudo o que há. Não tragas bolinhos, tartes de mel, de papoila e outra biscotaria. Traz-nos um carneiro inteiro, uma cabra, hidromel de quarenta anos. E quanto mais aguardente, melhor. Não tragas aguardente com invenções, com passas e com sei lá o quê, mas aguardente pura, daquela que nos embriague até não poder mais...

Bulba acompanhou os filhos à sala de estar, de onde saíram apressadamente duas criadas jovens e bonitas, de colares vermelhos, que estavam a arrumar os quartos. Pelos vistos,

(?) Área no curso inferior do rio Dniepr, lugar de concentração dos cossacos (cossacos de Zaporójie), nos séculos xv-xviii, que recebeu o nome de Sech de Zaporójie (N. T.).

assustaram-se com a chegada dos fidalgos, que não perdoavam nada a ninguém, ou então quiseram apenas manter o seu hábito feminino: ao ver um homem, dar um gritinho e correr com pressa, tapando de seguida com a manga o rosto envergonhado.

A sala estava arranjada ao gosto daqueles tempos, dos quais hoje em dia só ficaram umas réplicas nas canções e nas baladas populares. Já não são cantadas na Ucrânia ⁽³⁾ pelos cantores ambulantes cegos, idosos e barbudos, acompanhados por sons delicados de bandurra ⁽⁴⁾ rodeados pela multidão; ao gosto daqueles tempos guerreiros, difíceis, quando apenas despontavam as lutas e as batalhas pela união da Ucrânia. Tudo estava limpo e rebocado com argila colorida. Nas paredes estavam pendurados sabres, chicotes, redes para pássaros, redes de pesca e armas, um corno habilmente trabalhado para guardar a pólvora, um freio de cavalo dourado e peias com placas prateadas. As janelas da sala eram pequenas, com aqueles vidros baços que hoje só podem ser vistos em igrejas antigas e das quais era impossível avistar alguma coisa sem levantar a janela de guilhotina. Em torno das janelas e portas havia uns alizares vermelhos. Aos cantos, nas prateleiras, havia jarros, garrafas e frascos de vidro verde e azul, taças de prata esculpidas, copos dourados de vários tipos: de Veneza, da Turquia, da Circássia, que tinham vindo parar a casa de Bulba de várias formas, por terceiras ou quartas mãos, o que era muito comum naqueles tempos desafiantes. Os bancos de bétula à volta de toda a sala, a enorme mesa sob os ícones no canto principal, a lareira larga com o fundo, ressaltos e degraus, coberta de azulejos coloridos – este cenário era bem familiar aos dois jovens que todos os anos passavam aqui as suas férias. Vinham sempre a pé, pois ainda não tinham cavalos e porque a tradição não permitia aos seminaristas montar. Tinham

⁽³⁾ Adoptou-se a denominação usada por Gogol (*N. T.*).

⁽⁴⁾ Instrumento musical ucraniano, espécie de bandolim curto com seis pares de cordas (*N. T.*).

apenas umas tranças compridas que podiam ser puxadas por qualquer cossaco que usasse armas. Desta vez, ao concluírem o seminário, Bulba mandara-lhes dois belos garanhões da sua manada.

Em honra da chegada dos filhos, Bulba convocou todos os *sotniks* ⁽⁵⁾ e todos os chefes de regimento que estavam disponíveis. Quando chegaram dois deles e mais o capitão dos cossacos Dmitró Tovkach, seu velho amigo, Bulba logo lhes apresentou os filhos, dizendo: «Vejam que rapazes valentões! Em breve, vou enviá-los para a Sech». Os convidados felicitaram Bulba e os filhos, e disseram-lhes que faziam bem e que não havia melhor aprendizagem para um jovem que a Sech de Zaporójie.

— Bem, meus senhores, sentem-se à mesa onde acharem melhor. Meus filhos, antes de tudo vamos brindar com aguardente! — disse Bulba. — Deus nos abençoe! Saúde para ti, Ostap e para ti, Andrii. Deus queira que tenham sempre sorte na guerra! Combatam com todos os inimigos, com turcos e com tártaros. E se um dia os polacos forem contra a nossa fé, lutem também contra eles. Dá-me o teu copo. Então, é boa essa aguardente? Como se diz aguardente em latim? Pois bem, filho, os romanos eram mesmo burros: eles nem sabiam que existia a aguardente. Como se chamava aquele que escrevia poemas? Não percebo muito de ciências e por isso nem sei: chamava-se Horácio ou quê?

«Vejam só este meu pai! — pensou o filho mais velho, Ostap. — Sabe tudo, o cão velho, e ainda finge que não sabe.»

— Acho que o arquimandrita nem vos deixava cheirar a aguardente — continuava Tarass. — Agora confessem, meus filhos, apanharam muito com ramos de bétula e de ginja nas costas e por todo o corpo? Ou, uma vez que se tornaram demasiado sábios, apanhavam antes com chicotes? E não só aos sábados, mas também às quartas e quintas?

⁽⁵⁾ Comandante de regimento de cem homens (N. T.).

— Não vale a pena falar do passado, pai — disse friamente Ostap. — O que passou já é passado!

— Que alguém se atreva! — exclamou Andrii. — Que alguém tente tocar-me. Qualquer tártaro que se meta agora connosco, logo saberá o que é a espada do cossaco!

— Que bem que tu falas, meu filho, juro! E já que se fala nisso, vou também convosco, juro que vou! Por que diabos tenho de esperar aqui? Ficar a semear trigo-sarraceno, tornar-me dono de casa, pastar as ovelhas e os porcos e discutir com a mulher? Raios, sou um cossaco, não quero nada disso! Não faz mal que não haja guerra. Juro por Deus que vou! Vou convosco a Zaporójie apenas para passear! — o velho Bulba excitava-se cada vez mais e, finalmente, irritou-se por completo, levantou-se da mesa e bateu o pé. — Partimos mesmo amanhã! Para quê esperar? Ficamos aqui sentados à espera de que inimigo? Não precisamos desta casa! Para que serve tudo isso? Para quê esses potes? — e, dizendo isso, começou a atirar e a partir os garrações e os frascos.

A pobre velhota, já acostumada a tais arroubos do marido, olhava tristemente, sentada num banco. Não se atrevia a dizer nada. Mas ao ouvir a decisão, tão terrível para ela, não conseguiu sustar as lágrimas. Olhou para os filhos, ameaçada pela separação eminente, e ninguém seria capaz de descrever toda a força do sofrimento silencioso que parecia estremecer nos seus olhos e nos lábios, que cerrava convulsivamente.

Bulba era terrivelmente obstinado. Tinha um daqueles temperamentos que poderiam surgir apenas no difícil século xv num canto seminómada da Europa, quando toda a parte sul da primitiva Rússia, abandonada pelos seus príncipes, foi devastada e reduzida a cinzas pelas invasões invencíveis dos predadores mongóis; quando, com a casa e o abrigo perdidos, o homem se tornou valente; quando, nas terras varridas pelos grandes incêndios, à vista dos vizinhos poderosos e do perigo eterno, ele construía a casa sobre as cinzas e olhava o perigo nos olhos, esquecendo que existia o medo; quando a chama da luta abraçou a alma do povo eslavo, outrora pacífico, e

apareceram, assim, os cossacos – o hábito desregrado do feitiço russo; e quando todas as margens dos rios, os campos, declives e precipícios foram pontilhados por cossacos sem conta e os seus bravos companheiros tinham o direito de responder ao sultão que queria saber quantos eram: «Ninguém sabe! Estão espalhados por toda a estepe: em cada outeiro há um cossaco.» Foi certamente um fenómeno da força russa: os cossacos brotaram do seio do povo pela chama das desgraças. Em vez de antigos principados e cidades pequenas, cheias de tratadores de cães e caçadores, em vez de insignificantes príncipes hostis prontos a vender as suas cidades, apareceram povoações temíveis, casas e aldeias unidas pelo perigo comum e pelo ódio total aos predadores não-cristãos. Já todos sabemos, da história, que a sua eterna luta e a sua vida inquieta salvaram a Europa de ataques indomáveis que ameaçavam derrubá-la. Os reis polacos que vieram substituir os príncipes locais e se tornaram donos das terras vastas, embora distantes e fracos logo se aperceberam da importância dos cossacos e dos benefícios de tal vida guerreira e do serviço de tais guardas e por isso os encorajavam e lisonjeavam. Sob a sua governação longínqua, os *hetmans* ⁽⁶⁾ eleitos pelos cossacos transformaram as periferias e as aldeias em regimentos e fortificações bem organizados. Não era um exército de campanha propriamente dito, isso ninguém viu; mas em caso de guerra e movimentações comuns, em oito dias, nem mais, cada cossaco apresentava-se a cavalo, com todas as suas armas, recebendo do rei apenas um *chervonets* ⁽⁷⁾ como salário – e em duas semanas juntava-se um exército como nenhum recrutamento era capaz de conseguir. Quando acabava a campanha, o guerreiro regressava aos pastos e campos lavrados, apanhava peixe, fazia negócios e cerveja, e considerava-se cossaco livre. Os estrangeiros daquela altura maravilhavam-se, e com razão, com as suas capacidades extraordinários. Não havia ofício que

⁽⁶⁾ Chefes militares eleitos (N. T.).

⁽⁷⁾ Moeda de ouro (N. T.).

um cossaco desconhecesse: fazer vinho, equipar a carruagem, moer a pólvora, ser ferreiro e carpinteiro, e, além de tudo, alegrar-se e festejar à grande, beber e embebedar-se como só um russo é capaz – tudo estava ao seu alcance. Além dos cossacos registados, que consideravam seu dever comparecer nos tempos de guerra, também era possível em qualquer altura, caso houvesse eminente necessidade, juntar exércitos de voluntários. Bastava os comandantes passarem pelas feiras e pelas praças das aldeias e vilas e gritarem bem alto: «Hei, cervejeiros! Parem de fazer cerveja! Basta de se encostarem às lareiras e alimentar as moscas com o vosso corpo gordo! Ide conquistar glória e honra! Todos, lavradores, cervejeiros, pastores e mulherengos! Basta de andar atrás do arado, de sujar na lama as vossas botas amarelas, de agarrar as mulheres e de levar à perdição a virtude dos cavalheiros! Está na hora de conquistar a glória dos cossacos!» Essas palavras eram como faíscas na lenha seca. O lavrador partia o seu arado, o cervejeiro atirava as suas dornas e esmagava os barris, o negociante e o artesão mandavam às urtigas o ofício e a venda, partiam as jarras em casa. Todos montavam os cavalos. Em suma, o carácter russo recebeu, assim, um poderoso e amplo impulso, uma aparência valente.

Tarass era um dos antigos coronéis de regimento, fora criado para ser guerreiro e distinguia-se pelo seu temperamento directo e rude. Naquela altura, a influência da Polónia começava a sentir-se na nobreza russa. Muitos já assumiam as tradições polacas, adquiriam luxos, tinham excelentes criados, falcões, cães de caça, davam almoços, tinham herdades. Bulba nunca gostou disso. Ele apreciava a vida simples dos cossacos e ficava desavindo com os companheiros que se inclinavam perante a moda de Varsóvia, chamando-lhes lacaios da nobreza polaca. Sempre inquieto, considerava-se um legítimo defensor da ortodoxia. Entrava arbitrariamente nas aldeias logo que havia queixas de assédio por parte dos arrendatários ou de novo aumento do imposto sobre a casa. Ele próprio fazia justiça, com os seus cossacos. Também tomou de regra que apenas em três

casos iria sempre erguer o sabre, mais precisamente: quando os comissários não honravam os anciãos e ficavam de gorro perante eles; quando se achincalhavam as regras ortodoxas e se desrespeitavam as leis dos antepassados e, finalmente, quando os inimigos não eram cristãos ou eram turcos, contra os quais ele acreditava que era pelo menos admissível levantar a arma em nome da glória do cristianismo.

Agora alegrava-se ao imaginar como iria aparecer com os seus dois filhos no acampamento, e dizer: «Vejam que valentões eu trouxe para cá!»; como ia apresentá-los aos seus antigos camaradas de luta, calejados nas batalhas; como vai observar os seus primeiros feitos na arte militar e nas bebedeiras, as quais também considerava um dos principais méritos de um cavaleiro. Primeiro, queria mandá-los sozinhos. Mas ao ver a frescura e a altura deles, a poderosa beleza física — acendeu-se-lhe o espírito do guerreiro e no dia seguinte decidiu ir com eles, apesar de a única razão ser a sua vontade obstinada. Já estava agitado e dava ordens, escolhia os arreios e os cavalos para os seus rapazes, entrava nos estábulos e nos celeiros, escolhia os criados que haviam de partir com eles no dia seguinte. Passou os seus poderes ao capitão dos cossacos Tovkach, juntamente com instruções rígidas de se apresentar com todo o regimento logo que ele mandasse alguma notícia da Sech. Embora estivesse algo tocado e na sua cabeça ainda fermentasse a embriaguez, não se esqueceu de nada. Até deu ordens para dar água aos cavalos e deitar nas manjedouras o melhor trigo, e chegou cansado das suas preocupações.

— Bem, meus filhos, está na hora de dormir. Amanhã faremos o que Deus quiser. Não façam a cama para nós. Não precisamos de cama. Vamos dormir lá fora, no quintal.

A noite acabava de abraçar o céu. Mas Bulba deitava-se sempre cedo. Desta vez, deitou-se num tapete, cobriu-se com um casacão de carneiro, porque o ar nocturno estava bastante fresco e porque gostava de ficar bem agasalhado quando estava em casa. Logo começou a roncar, e todos lhe seguiram o exemplo; os que estavam deitados em vários cantos

do quintal começaram a rressonar e a cantarolar; em primeiro lugar adormeceu o guarda, porque se embebedara mais por ocasião da chegada dos fidalgos.

A pobre mãe foi a única pessoa que não dormiu nessa noite. Ficou à cabeceira dos seus filhos queridos, deitados um ao lado do outro, e penteava-lhes os cabelos jovens, encaracolados, degrenhados, molhando-os com as suas lágrimas; toda ela os contemplava, todo o seu ser se tornou num só olhar e não se fartava de os admirar. Foi ela quem os amamentou, cuidou deles e os criou – e agora está a vê-los só por uns momentos. «Meus filhos, meus filhos queridos, o que será de vós? O que vos espera?» – e as lágrimas pararam-lhe nas rugas que transformaram o seu rosto outrora tão belo. Na verdade, ela era lastimável, como era lastimável qualquer mulher daquela altura temerária. Viveu apenas um momento de amor, apenas a primeira febre de paixão, na primeira febre da juventude – e logo o seu sedutor severo a abandonara em troca do sabre, da camaradagem e das bebedeiras. Via o marido dois ou três dias por ano, depois durante anos não tinha notícias dele. Mesmo quando estavam juntos, que vida tinha ela? Suportava insultos, até tarefas; recebia algum carinho como que por misericórdia; era uma estranha criatura no meio destes cavaleiros sem mulheres, sobre os quais Zaporójie deixava o seu sabor áspero e desenfreado. A juventude sem prazeres passou num instante à frente dela; as suas faces frescas e os seios, sem serem beijados, murcharam e cobriram-se de rugas prematuras. Todo o amor, todos os sentimentos, tudo que havia de paixão e de meiguice numa mulher – tudo se transformou em sentimento materno. Ansiosa, com paixão, com lágrimas, como uma gaiivota da estepe, esvoaçava sobre os filhos. Os seus filhos, os seus adoráveis filhos são-lhe retirados, e são-lhe retirados para nunca mais os ver! Quem sabe, talvez na primeira batalha um tártaro qualquer lhes corte a cabeça e ela nem saberá onde ficarão abandonados os corpos, despedaçados por aves de rapina; ter-se-ia dado toda por cada gota de sangue deles. Soluçando, olhava para os filhos num sono profundo e

pensava: «Pode ser que, ao acordar, Bulba atrase a partida por uns dias; pode ser que a decisão de partir tão depressa tenha sido tomada por ele ter bebido demais.»

Lá no alto, já há muito tempo que a lua iluminava o quintal repleto de pessoas a dormir, os densos salgueiros e as ervas daninhas altas que afogavam a paliçada em torno do quintal. A mãe ficou sentada ao lado da cabeça dos seus queridos filhos, sem tirar deles o olhar e sem pensar no sono. Já os cavalos, pressentido a madrugada, se deitaram na relva e pararam de comer; as folhas dos salgueiros começaram a estremecer lá no alto e a pouco e pouco o frémito murmurante fazia o seu caminho até às raízes. Assim ficou até à luz do dia, sem sentir cansaço e desejando no seu íntimo que a noite se prolongasse ainda mais. Da estepe ouviu-se o relincho estrepitoso de um potro; tiras encarnadas brilharam no céu.

De repente, Bulba acordou e pôs-se de pé. Lembrava-se muito bem de tudo o que ordenara na véspera.

— Bem, rapazes, chega de dormir! Está na hora, vamos! Dêem de beber aos cavalos! Onde está a velha (era assim que chamava à mulher). Apressa-te, velha, prepara-nos de comer. O caminho é muito longo!

A pobre velhinha, despojada da última esperança, arrastou-se tristemente para dentro da casa. Enquanto ela, lavada em lágrimas, preparava tudo para o pequeno-almoço, Bulba dava ordens, andava ocupado nos estábulos e escolhia a melhor roupa para os filhos. Num ápice, os seminaristas mudaram por completo: em vez das botas sujas calçavam umas vermelhas, de marroquim, com tacões de prata, umas calças da largura do mar Negro, com milhares de dobras e franzidos, presas por cintos dourados dos quais pendiam correias compridas, com borlas e várias bugigangas para o cachimbo. O cafetã, de tecido escarlate como a chama, era cingido por um cinto bordado; as pistolas cunhadas turcas estavam enfiadas na cintura; o sabre batia-lhes na perna. Os rostos, ainda pouco bronzeados, ficaram mais bonitos e mais esbranquiçados; os jovens bigodes pretos realçavam agora com mais força essa

brancura e a saudável e poderosa cor da juventude. A pobre mãe, quando os viu, não conseguiu pronunciar nem uma palavra e as lágrimas cobriram-lhe os olhos.

— Bem, meus filhos, está tudo pronto, não há tempo a perder! — disse, finalmente, Bulba. — Agora, como manda a tradição cristã, é preciso sentarmo-nos antes de partir.

Todos se sentaram, incluindo os rapazes, que estavam respeitosamente à porta.

— Agora, mãe, abençoa os teus filhos! — disse Bulba. — Reza a Deus para que eles lutem bravamente, defendam a sua honra cavalheiresca e defendam a fé cristã. Senão é melhor ficarem perdidos e que nem a sua alma permaneça neste mundo! Vinde, filhos, para ao pé da mãe. A oração da mãe salva, na terra e na água.

A mãe, fraca como qualquer mãe, tirou dois ícones pequenos e colocou-os, chorando, no pescoço dos filhos.

— Que Nossa Senhora... vos proteja... Não se esqueçam da vossa mãe, meus meninos... enviem notícias vossas... — não era capaz de dizer mais nada.

— Então, filhos, vamos a isso! — disse Bulba.

Ao pé do alpendre estavam os cavalos selados. Bulba saltou para o seu *Diabo*, que logo recuou com força, sentindo o peso de vinte *puds*⁽⁸⁾, pois Tarass era extremamente pesado e gordo.

Quando a mãe viu os filhos já montados nos cavalos, correu para o mais novo, cujo rosto expressava mais ternura; agarrou-o pelo estribo, abraçou a sela e, com desespero nos olhos, não o largava. Dois cossacos corpulentos afastaram-na e, gentilmente, levaram-na para casa. Mas quando eles saíram do portão, com a leveza de uma corça não consentânea com a idade, correu para fora do portão, com uma força incrível, parou o cavalo e abraçou um dos filhos com uma veemência louca e dolorosa. Foi novamente levada para dentro de casa.

Os jovens cossacos iam devagar e continham as lágrimas, temendo o pai que, por sua vez, também estava um pouco

⁽⁸⁾ Medida de peso antiga na Rússia, igual a 16 kg (N. T.).

perturbado, embora o tentasse esconder. O dia estava cinzento; a verdura à volta brilhava, os pássaros chilreavam de forma desafinada. Passado um bocado, olharam para trás: parecia que a quinta fora enterrada; avistavam-se apenas as duas chaminés da modesta casa e ainda os topos das árvores, cujos ramos tinham trepado como esquilos. À sua frente só se estendia o prado distante. Aquele prado podia contar toda a história das suas vidas, desde os anos em que se enrolavam na erva orvalhada, até a idade em que esperavam pela jovem cossaca que voava timidamente por este pasto com as suas perninhas frescas e rápidas. Eis que já só se avista a vara de cima do poço, com a roda de carroça pregada na ponta, solitária, furando o céu. A planície que já passaram parece agora longínqua, uma montanha, e cobriu tudo. Adeus, infância e brincadeiras, adeus a tudo, tudo...